

UNIPOLARIDADE AMERICANA: COMO OS PRINCIPAIS PAÍSES SE POSICIONARÃO?

A tentativa de restauração da unipolaridade americana enfrenta a triangulação estratégica de rivais que desafiam, equilibram e negociam simultaneamente, em um equilíbrio que arrisca desencadear um conflito global se a sensatez não prevalecer.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

As novas Estratégias Nacionais de [Segurança](#) e de [Defesa](#) dos EUA, que articulam coletivamente a “[Doutrina Trump](#)”, deixam claro que o grande objetivo estratégico dos Estados Unidos é restaurar sua posição predominante (unipolaridade) no mundo. Diferentemente da breve era unipolar que se seguiu ao fim da Guerra Fria, desta vez os EUA se mostram explicitamente relutantes em se envolver em conflitos no exterior que possam resultar em um comprometimento excessivo, e agora também dependerão mais de seus parceiros regionais para compartilhar o ônus de promover seus interesses comuns.

China, Rússia, Irã e Coreia do Norte são identificados como adversários dos EUA,

sendo o primeiro descrito como “*o Estado mais poderoso em relação a nós desde o século XIX*” na Estratégia Nacional de Defesa, e cada um deles agora precisa decidir se desafiará os Estados Unidos, se buscará um equilíbrio ou se aliará a eles. Em menor grau, o mesmo se aplica a potências emergentes como a Índia, que têm [relações complexas](#) com os EUA. Em ordem inversa, a Índia jamais desafiará os Estados Unidos, mas provavelmente buscará um equilíbrio ou se aliará a eles.

O aspecto do equilíbrio depende principalmente da Rússia para evitar preventivamente uma dependência econômica e técnico-militar potencialmente desproporcional dos EUA, que poderia ser usada como arma para fins coercitivos. Quanto ao aspecto da adesão, este diz respeito ao interesse genuíno da Índia em cumprir seu [novo acordo comercial](#) com Washington e em firmar outros acordos de defesa com o país, embora condicionados a que o primeiro não seja explorado pelos Estados Unidos para inundar seu mercado e o segundo não exija a presença de tropas americanas em seu território.

Por outro lado, é improvável que a Coreia do Norte se alinhe aos EUA, preferindo equilibrá-los por meio da triangulação entre a China e a Rússia (para evitar uma dependência desproporcional de qualquer uma delas), enquanto, por vezes, os desafia por meio de testes militares em resposta às movimentações regionais americanas. A abordagem do Irã provavelmente continuará a aplicar as três políticas: desafiar os Estados Unidos no Oriente Médio; equilibrá-los por meio da triangulação entre a China e a Rússia; e negociar um novo acordo nuclear para, um dia, se aliar a eles.

A Rússia tem seguido a mesma estratégia sob o governo Trump 2.0: seu [desenvolvimento de armas estratégicas](#) desafia a restauração da unipolaridade pelos EUA; a triangulação entre a China e a Índia (para evitar uma dependência desproporcional de qualquer uma delas) equilibra os Estados Unidos; e as negociações em curso [buscam um acordo](#) com o país. A China não é diferente: seu próprio fortalecimento militar também desafia a restauração da unipolaridade; seus parceiros na Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, *Belt and Road Initiative*) a ajudam a equilibrar os EUA; e as negociações comerciais em curso também buscam um acordo com o país.

Da perspectiva da grande estratégia dos Estados Unidos, devido à forma como enxergam a China como “*o Estado mais poderoso em relação a nós desde o século XIX*”, espera-se que ofereçam termos de parceria comparativamente melhores à Índia e à [Rússia](#) para incentivá-las a se distanciarem relativamente da China. O Irã será [subordinado de uma forma ou de outra](#) para que os EUA controlem seu fluxo de recursos para a China, a Coreia do Norte permanecerá contida e a China será coagida a um acordo comercial desequilibrado para desviar sua trajetória de superpotência.

Como diz o ditado, “*os melhores planos de ratos e homens muitas vezes dão errado*”, portanto, a abordagem mencionada pode não ser implementada integralmente. De fato, pode até ser contraproducente se a China se sentir pressionada a entrar num dilema de soma zero semelhante ao do Japão Imperial em 1941, de se subordinar a Washington ou iniciar uma guerra por desespero para evitar o pior cenário possível, que é precisamente o que os Estados Unidos querem evitar. A restauração da unipolaridade pelos EUA, portanto, corre o risco de desencadear a próxima Guerra Mundial se a sensatez não prevalecer.

****Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
